

## **Impactos do extrativismo na cidade: Os bairros com fins anunciados e suas ruínas a partir do afundamento do solo em Maceió<sup>1</sup>**

Luiza Fonseca de Souza (PPGSA-UFRJ/Rio de Janeiro)

### **RESUMO**

A partir da extração de sal-gema para a produção de resinas e insumos químicos realizada pela petroquímica Braskem ao longo de quatro décadas em Maceió, Alagoas, desencadeou-se, de modo evidente desde 2018, um processo de afundamento do solo em determinados bairros da capital, localizados próximos às regiões de exploração. O desastre implica na remoção de mais de 55 mil moradores dos bairros de Pinheiro, Bom Parto, Mutange e Bebedouro, assim como regiões do Farol, constituindo um cenário desolador a partir da imagem de bairros abandonados e com fins anunciados na capital alagoana, destacando-se como “o maior desastre urbano em andamento no mundo”, como aponta o Observatório da Mineração (2021). É do interesse deste trabalho compreender como os processos de remoção e abandono dos bairros afetados implicam em outros usos desses espaços, assim como atravessam e reconfiguram a vida cotidiana e perspectivas na capital alagoana. Para tal, recupero inicialmente o processo de instalação da empresa junto ao território urbano de Maceió e os impactos promovidos desde sua chegada, considerando o desastre como efeito das quatro décadas de exploração. Desde a análise das produções jornalísticas e acadêmicas sobre o caso, junto a discussões teóricas relativas aos impactos do neoextrativismo e territórios atravessados por processos de ruinação, apresenta-se as circunstâncias do desastre e suas repercussões e impactos no cotidiano, enfatizando as afetações, temporalidades e (des)usos relativos aos bairros abandonados.

**Palavras-chave:** Extrativismo; Impactos socioambientais; Ruínas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

## 1. INTRODUÇÃO

Em 15 de fevereiro de 2018, após fortes chuvas atingirem a cidade de Maceió, Alagoas, diversas rachaduras foram relatadas no bairro Pinheiro. Nos meses seguintes tal cenário se estendeu a outros bairros, gerando sensação de insegurança entre os moradores da capital. Um ano depois, é confirmado pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) a relação entre o afundamento do solo e a atividade de extração de sal-gema realizada pela petroquímica Braskem no subsolo de Maceió. O presente trabalho visa compreender como tal processo, que hoje atinge os bairros de Pinheiro, Bom Parto, Mutange e Bebedouro, assim como regiões do Farol, implica em outros usos desses espaços, que vêm sendo abandonados devido aos riscos apresentados aos moradores. Entende-se que esse processo de abandono e ruinação em áreas urbanas da capital atravessam e reconfiguram a vida cotidiana e perspectivas da população maceioense.

Os processos de remoção e realocação da população a outras regiões e a transformação de bairros da cidade em lugares associados ao risco e à insegurança devido aos impactos da extração de sal-gema inscrevem a presente pesquisa em discussões referentes aos impactos socioambientais de grandes projetos. Inicialmente endereçada às construções de hidrelétricas, tal recorte da literatura na antropologia se justificava pela tradição de estudos com populações tradicionais que habitam territórios afetados pelas construções de barragens (Daou, 2010). A ampliação da discussão a cenários atravessados pelo neoextrativismo nos últimos anos se insere em um contexto de crise das commodities e da própria ecologia global, intensificada pela recorrência de desastres socioambientais relacionados à mineração. A extração de sal-gema em Maceió tem como particularidades o fato de ocorrer em plena área urbana da capital e tratar-se de um desastre prolongado no tempo devido ao contínuo e lento afundamento do solo, diferentemente dos desastres relacionados às barragens, que ocorreram de forma abrupta e sem a possibilidade de realocação da população.

A construção metodológica da pesquisa consiste em três momentos, tendo como eixo central a realização de uma etnografia na cidade de Maceió. Em preparação para o campo, venho realizando uma revisão de literatura sobre ruínas e espaços abandonados, assim como levantamento sobre o caso a partir de uma entrada interdisciplinar, coletando registros de jornais locais, da Braskem, de agências do Estado e contribuições acadêmicas sobre o caso, seguidos de análises teóricas relativas a debates sobre neoextrativismo e desastres industriais. A ida à cidade de Maceió tem como propósito a observação de campo, principalmente nas áreas afetadas pelo afundamento do solo e nos seus arredores, como forma de apreensão dos efeitos e repercussões sociais provocados pela ação da mineração na capital de Alagoas. O

trabalho apresenta, inicialmente, o processo de chegada da empresa vinculada ao território urbano com o objetivo de recuperar o desastre em processo como resultado das décadas de exploração e impactos desde a instauração da indústria química. Em seguida, enquanto parte central do trabalho, são apresentados o contexto do desastre e suas repercussões e impactos no cotidiano, enfatizando as afetações, temporalidades e (des)usos relativos aos bairros abandonados, seguindo a literatura sobre ruínas urbanas. Por fim, as principais questões são retomadas a fim de conclusão.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. Da extração em território urbano ao afundamento do solo**

Determina-se por sal-gema o mineral composto por cloreto de sódio (NaCl) encontrado em jazidas na superfície terrestre, diferenciando-se do sal de potássio (KCl), conhecido como sal marinho. O processo para extração do sal-gema, encontrado a cerca de mil metros da superfície, é realizado pela petroquímica Braskem por meio da técnica de lavra por solução, que consiste na perfuração de poços verticais e direcionais no solo (Veleda e Estrela, 2021). O material é utilizado para a produção de PVC (Policloreto de Polivinila) e soda cáustica na unidade industrial de Cloro-Soda em Maceió. De acordo com o Sumário Mineral Brasileiro publicado pelo Governo Federal em 2008, as reservas brasileiras de sal-gema aprovadas pelo antigo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), atual Agência Nacional de Mineração (ANM), somam cerca de 30 milhões de toneladas. A reserva de Maceió soma 2.882 milhões de toneladas, 13,4% do total nacional (Santos, 2008).

A história da extração de sal-gema em Maceió remete aos anos de 1940, quando em uma tentativa de prospecção de petróleo próximo à Lagoa Mundaú, ao sul de Maceió, foi encontrado um leito de sal-gema sob a cidade. A descoberta “por acaso” do mineral, como relata Ticianeli (2015), demonstra contudo que a dinâmica de exploração de recursos minerais já se fazia presente na região. A permissão para pesquisa e exploração no território só é consentida, entretanto, em 1966, quando surge a Salgema Indústrias Químicas Ltda, atual Braskem, iniciando sua comercialização em 1976 (Cavalcante, 2020).

O contexto da instauração da empresa em meio à ditadura civil-militar evidencia a dinâmica então vigente, caracterizada pela relação de cooperação entre Estado e empresariado, parceria que se prolongou durante os governos seguintes, envolvendo a falta de regulamentação para a atividade de extração, a omissão de riscos e a arbitrariedade diante da

instauração da indústria em Maceió. Ainda assim, o histórico de contestação em relação aos impactos promovidos pela extração se fez presente desde os planos de instauração da empresa, sendo o professor José Geraldo Marques, então responsável pela gestão do órgão de meio ambiente, pioneiro na oposição à instalação (Pronzato, 2020). Durante a década de 80, em meio ao processo de duplicação da Salgema Indústrias Químicas, surge o Movimento Pela Vida (MOVIDA), que tinha como reivindicações impedir os planos de duplicação, a realização de monitoramento de acidentes e a promoção de um estudo adequado sobre impactos ambientais (Cavalcante, 2020).

Os impactos da chegada da empresa à cidade de Maceió, junto ao Complexo Químico de Alagoas (CQA) iniciado pela própria Salgema para a produção de soda cáustica e cloro, se refletem no processo de urbanização da cidade desde a sua implementação. A arquiteta e professora da UFAL Regina Dulce Lins comenta como o processo de expansão urbana de Maceió já vinha ocorrendo na mesma região da extração, contando com dois dos maiores hotéis da cidade e habitações de classe média. Com a indústria, a urbanização e verticalização da cidade se deslocam para o norte da cidade e a área passa a ser desvalorizada (Pronzato, 2020). Tal exemplo revela-se similar ao processo ocorrido em Itabira com a chegada da indústria extrativa mineral da Companhia do Vale do Rio Doce (CVRD), analisado por Maria Souza (2007), em que a autora inclui a particularidade da indústria em se instalar junto ao núcleo urbano e se expandir em sua direção, fazendo com que a cidade crescesse nas direções opostas às minas.

Os históricos bairros Pontal da Barra e Trapiche da Barra em Maceió, de origem pescadora e reconhecidos pela atividade artesanal local, enfrentaram também nesse contexto processos de descaracterização pela implementação da indústria em seus arredores, além do contato diário com riscos, simulações de acidentes e a sirene da Salgema. O Pontal passa a ser considerado pela prefeitura em 1978 como zona industrial, estabelecendo um viés de legalidade ao que foi imposto aos moradores (Cavalcante, 2020). O que se segue nas décadas seguintes é uma série de acidentes na indústria e que afetam os bairros vizinhos, dentre eles o vazamento de cloro e a explosão de equipamentos, somando 23 acidentes desde a década de 1990 (idem).

Após fortes chuvas atingirem a cidade de Maceió no dia 15 de fevereiro de 2018, foram relatadas as primeiras rachaduras em Pinheiro, bairro de classe média e alta da capital. A Defesa Civil Municipal foi então acionada para averiguar o afundamento do solo que correspondia, a princípio, a três quarteirões do bairro, orientando para que alguns moradores saíssem de suas casas (Sanches, 2018). No mês seguinte, foi registrado um abalo sísmico na

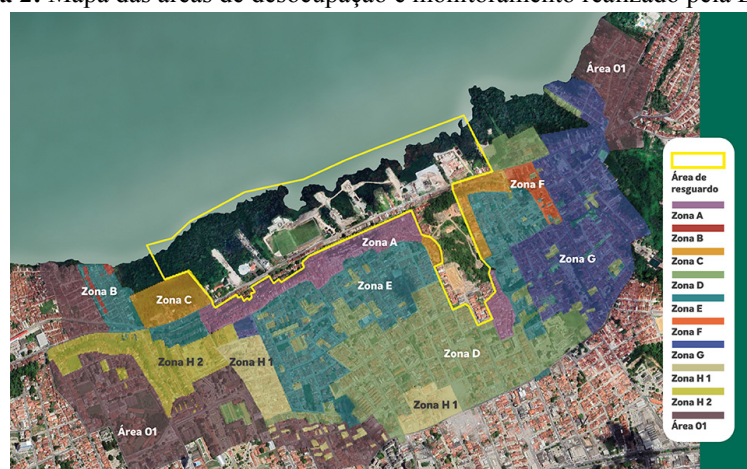
região de 2,5 na Escala Richter (CPRM, 2019), intensificando a insegurança vivenciada pelos moradores. Nos meses seguintes, começam a ser relatadas fissuras em outros bairros, expandindo as áreas de risco. A relação entre o afundamento do solo e as atividades de mineração realizadas pela Braskem é constatada oficialmente apenas em abril de 2019 através do “Relatório Síntese dos Resultados do Estudo sobre a Instabilidade do Terreno nos bairros Pinheiro, Mutange e Bebedouro” divulgado pelo CPRM (2019). O mapa de Setorização de Danos divulgado pela Defesa Civil de Maceió e Defesa Civil Nacional se encontra em sua terceira versão, incluindo áreas previamente estabelecidas enquanto seguras, no entanto moradores da região alegam a necessidade de uma nova atualização, que completa, em agosto de 2022, 20 meses sem atualização (Fernandes, 2021).

**Figura 1** – Mapa de Maceió à direita e mapa dos bairros afetados pelo afundamento à esquerda



Fonte: Prefeitura de Maceió

**Figura 2:** Mapa das áreas de desocupação e monitoramento realizado pela Braskem



Fonte: Braskem, 2021

Em dezembro de 2019, a Braskem inicia o Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação (PCF), direcionado aos atingidos pela mineração. O programa, ainda em andamento, consta com inúmeras controvérsias devido, principalmente, aos valores das indenizações e aos parâmetros de inclusão, além do fato da empresa obter formalmente a posse dos imóveis indenizados, tornando-se, na prática, proprietária da região em afundamento que, futuramente, pode tornar-se utilizável novamente a partir do preenchimento das minas e estabilização do solo (Angelo, 2021).

O PCF alcançou, até março de 2022, cerca de 9.500 famílias (Brasil de Fato, 2022). O bairro de Flexal, não incluído no programa mas que sofre diretamente com os impactos do esvaziamento dos bairros vizinhos, adentrando num processo de ilhamento socioeconômico (Prefeitura de Maceió, 2022), luta há quatro anos para ser inserido no programa. São frequentes também os casos de moradores que não deixam suas casas, ainda que se encontrem sob risco, devido à impossibilidade de se restabelecerem em outra região da cidade, considerando os baixos valores das indenizações. É ressaltado, por fim, como o processo está circunscrito por uma discussão mais ampla referente à desigualdade na ocupação do território da capital e na grande incidência de ocupações irregulares e assentamentos precários, historicamente afetados por desastres associados a chuvas e deslizamentos (Bispo et al., 2019; Gomes Neto e Santos, 2018; Melo, 2010; Nascimento et al., 2021), desigualdades estas que são aprofundadas diante do desastre.

O conceito de “violência lenta” proposto por Nixon (2011) corresponde à dinâmica analisada ao enfatizar a dimensão da invisibilidade e gradatividade inseridas em contextos de transformações marcados por uma longa temporalidade, de modo que “seus efeitos deletérios ocorrem em várias escalas temporais e sua relativa invisibilidade colocam desafios representacionais, narrativos e estratégicos” (idem, p. 2). A narrativa de algo que vai gradativamente desaparecendo, formando os chamados “bairros fantasmas”, surge como chave para analisar como esse cenário crítico se inscreve nos espaços e na vida material (Mbembe e Roitman, 1995). Geraldo Vasconcelos, líder do movimento SOS Pinheiro, que reúne moradores e empresários do bairro, caracteriza o afundamento do solo como uma tragédia que se arrasta lentamente (Pronzato, 2020), num processo lento e silenciado.

## **2.2. A ruinação de bairros em Maceió**

O cenário de afundamento do solo nos bairros de Pinheiro, Bom Parto, Mutange, Bebedouro e regiões do Farol em Maceió é repercutido em reportagens que os caracterizam enquanto “bairros com data para sumir” e “bairros fantasmas” (Rossi, 2020) ou a serem engolidos (Letras Ambientais, 2019) devido a extração de sal-gema das jazidas presentes sob o território da capital alagoana. A partir da visualização de seus bairros vazios e destruídos, os moradores apontam para um cenário de guerra (Pronzato, 2020), inscrevendo-se no território um contexto de insegurança e vulnerabilidade constante para os que ainda residem em suas casas ou passam pelos bairros.

**Figura 3** – Bairro Pinheiro em estado de abandono em 2020 à direita e imagem do afundamento e fissuras em Maceió à esquerda



Fonte: Gazeta Web, 2021 e Veja, 2021

Com o objetivo de compreender os atravessamentos provocados pelo esvaziamento e abandono dos bairros afetados pelo afundamento do solo em Maceió, retomo inicialmente a análise de Achille Mbembe (2020) ao referir-se ao brutalismo como modo de pensar os tempos atuais. Emprestado da arquitetura, o termo se refere a uma época marcada pela política dos materiais, pelo que é forjado, moldado, extraído e fraturado. Não coincidentemente, o autor utiliza vocabulários da mineração, atividade econômica central no continente africano durante a colonização, para tornar evidente um estado de exceção que se torna norma e um estado de emergência que se converte em permanente. O autor mobiliza processos de despejo e desocupação como consequência desse tempo marcado pela demolição, que ocorre do nível geológico ao molecular, e da esfera global à local. A infraestrutura formada por ruínas torna-se assim o símbolo da contemporaneidade. A ênfase dada por Mbembe aos materiais relaciona-se precisamente com a dinâmica observada em Maceió, que vai da busca incessante do capital pela extração de minerais no subsolo ao

cimento erguido sobre as minas, posteriormente fraturado por encontrar-se acima de um terreno que se torna oco.

A visualização do objeto de pesquisa fomentou a pergunta “No que se transformam bairros que se tornam inabitáveis?”, a partir da qual foi realizada revisão da literatura sobre ruínas urbanas como uma via de compreensão sobre os modos pelos quais espaços que deixam de cumprir seus propósitos habituais tornam visíveis a observação de outras afetações, usos e análises sobre temporalidades e decadência de sistemas sociais por meio das suas ruínas. É identificada entre as principais temáticas abordadas na literatura o fato de dedicar-se sobre ruínas permitir a) argumentar sobre processos de declínio e desestruturação de sistemas sociais a partir da materialização de sua decadência, b) discutir passado, presente e futuro, incluindo as possibilidades, ou não, de recuperar o esquecido, agir sobre o presente e imaginar futuros e c) analisar o (não) uso desses territórios e os materiais que o constituem no cotidiano. Em diálogo com a literatura, são apresentados registros e produções sobre o caso.

O registro das ruínas a partir de sua associação com processos de decadência e desestruturação de sistemas sociais surge como central na literatura (Archambault, 2021; Dawdy, 2010; Martin, 2014; Pusca, 2010), tendo como referência em todos estes os escritos de Walter Benjamin. O autor analisa as ruínas enquanto a materialização das tendências destrutivas do capital e que, por consequência, permitem perfurar a retórica capitalista em relação às narrativas sobre progresso (Dawdy, 2010; Martin, 2014). As casas e ruas abandonadas em Maceió tornam visíveis os efeitos da mineração, que teve como justificativa e expectativa desde sua implementação o desenvolvimento da região, inserção de Maceió e Alagoas no mercado e geração de empregos e renda (Vieira, 1997 apud Martins e Ribeiro, 2016). Me refiro a partir desse contexto à dinâmica apontada por Acosta (2009 apud Acosta e Brand, 2019) referente à maldição da abundância dos recursos naturais, relativa à permanência desses territórios em condições de subalternização, conjuntamente mais suscetíveis a desastres.

Como segundo aspecto, a referência das ruínas em relação a temporalidades surge a princípio pelo que “um dia já foram” (Gankó, 2019, p.246), remetendo a discussões sobre memória e luto. Resgato, nesse sentido, duas iniciativas realizadas pelos moradores com intenção de retomar o que os bairros um dia foram e o que representavam para eles. Primeiro, através do uso de redes sociais, o exemplo de um vídeo que se inicia com imagens do bairro de Bebedouro através da ferramenta do Street View, atualizado pela última vez em 2012,



mostrando o bairro em seu estado anterior ao afundamento em contraste com as imagens atuais, acompanhado de texto em que o autor diz utilizar tal recurso para lembrar do bairro, que hoje se encontra destruído<sup>2</sup>. Na segunda iniciativa, resgato o trabalho do artista maceioense Paulo Accioly, realizador do projeto visual intitulado “A gente foi feliz aqui”, que consiste na colagem de fotografias de ex-moradores em tamanho real nos muros de suas antigas casas (Leite, 2021), como se vê na figura 4, acompanhada de seus respectivos relatos:

**Figura 4 – Colagem realizada em casa no bairro Pinheiro**



**Fonte:** Instagram @agentefoifelizaqui, 2020

“Meu pai chegou no pinheiro em 1971; mais propriamente no conjunto jardim acácia, que eram somente alguns prédios rodeados de sítios, sem saneamento básico, sem estrutura alguma. Mas aquele era o bem da família; o local que iria abrigar seus 8 filhos naquele pequeno espaço. Não chegou a ver o bairro se desenvolver, o comércio local crescer... Morreu cedo, na sala do nosso apartamento, em 1977. E aquele lugar se tornou mais que uma casa, era nossa relíquia, herança da família, pois cada cantinho lembrava ele.” (Accioly, 2020).

Ainda referente à relação entre ruínas e suas temporalidades, é apontado por Reyes Herrera et al. (2014) uma fragmentação entre o passado como lembrança do que já não existe, o presente de ruínas e o futuro como marcado pela incerteza e sentimento de abandono. Walter Benjamin reconhece que tal processo afeta o imaginário social e visões de futuro daqueles que se deparam com a ruinação: “Junto com o crescimento das grandes cidades, desenvolveram-se os meios de derrubá-las. Que visões do futuro são evocadas por isso!” (Benjamin and Tiedemann 1999 apud Dawdy, 2010, p.769). A discussão sobre perspectivas é,

---

<sup>2</sup> O vídeo em questão foi compartilhado pela página @maceiordinario, dedicada a conteúdo de humor e notícias de Maceió, e conta com quase 40 mil visualizações. Disponível em: <https://shre.ink/mNsN>. Acesso em: 25/08/2022.

nesse sentido, inerente à infraestrutura corrompida ou abandonada (O'Donnell et al., 2020). Enquanto caso em aberto, o futuro dos territórios e daqueles afetados pelo afundamento do solo são incertos e demandam, às suas maneiras, um processo de reconstrução.

Por fim, a inscrição das ruínas no cotidiano surge a partir dos (des)usos do território e de seus materiais. Gankó (2019) e Schafers (2016) entendem que a separação entre os usos comuns de áreas urbanas e os de áreas ocupadas por ruínas se dá tanto pelo medo e insegurança que essas áreas promovem a partir do seu esvaziamento quanto pelos potenciais riscos que a estrutura e território oferecem, de modo que espaços previamente associados a determinadas práticas passam a ser esvaziados e conter novos usos. Archambault (2021), Dawdy (2010) e Pusca (2010) argumentam, nesse sentido, como os materiais que compõem as ruínas adentram o cotidiano através de usos comerciais, quando os objetos que compõem casas e edifícios se tornam interesse de comércio, reciclagem e reuso, assim como é aproveitado o abandono desses espaços para a realização de atividades informais e ilícitas. Dawdy (2010) argumenta que quando o capital abandona edifícios ou vizinhanças, os laços da propriedade privada são enfraquecidos, de modo que atividades ligadas ao mercado informal, desde práticas de cooperação a atividades ilegais como tráfico e roubo, tornam-se mais presentes nesses territórios .

Aponta-se, a partir do caso de Maceió, para uma circulação de coisas e pessoas nos bairros em ruinação que coincide com os apontamentos da literatura. É relatado no documentário “A Braskem passou por aqui” casos de pessoas que trabalhavam na região e que, ao ficarem desempregadas, começaram a realizar garimpo de tijolos de casas abandonadas para revender (Pronzato, 2020), atividade através da qual me refiro à formação de um mercado das ruínas, considerando também os demais itens como portas, janelas e telhas que são removidas das casas vazias para reuso ou revenda. A insegurança entre os que ainda habitam ou trabalham nos bairros é evidenciada em reportagem a partir dos relatos sobre tentativas de arrombamento e assalto (Tv Pajuçara, 2021), encontrando-se uma vez mais fragilizados pelo esvaziamento dos bairros.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procurou-se sustentar ao longo do trabalho o argumento de que os impactos promovidos pela atividade de extração realizada pela Salgema Indústrias Químicas, hoje Braskem, em Maceió, foram se estabelecendo desde a instauração da empresa, sendo

intensificados a partir do processo de afundamento do solo, registrado desde 2018. Identifica-se, a partir da análise do caso, uma disputa em relação aos discursos sobre o desastre em andamento, qualificado, pela petroquímica Braskem e pelo poder público, como o maior desastre já evitado no Brasil pelo fato de os processos de remoção estarem ocorrendo antes que o afundamento do solo provocasse desabamentos de imóveis em série e de modo repentino, como reporta o jornal Diário do poder (2021), enquanto moradores, pesquisadores da região e ativistas afirmam tratar-se de um desastre anunciado, incluindo os efeitos desestruturantes de um processo que vem sendo invisibilizado há décadas (Cavalcante, 2020), e que deve ser tratado para além de seus efeitos imediatos (Gudynas, 2016). Entende-se que o processo de afundamento do solo em Maceió está incluído em uma dinâmica mais ampla de processos extrativistas, cujos efeitos atingem de modo desproporcional determinadas populações (Tschaen et al., 2021).

Em síntese, o trabalho objetivou traçar possibilidades de análise para a realização de trabalho de campo na cidade de Maceió a partir da discussão sobre territórios em processo de abandono, esvaziamento e formação de ruínas. A centralidade que debates sobre afetações, temporalidades e (des)usos ocupam na literatura revela sobre possíveis dinâmicas a serem analisadas a partir do contexto etnográfico, assim como novas questões em campo permitem avançar na discussão. Evidencia-se, além disso, que diante dos recorrentes desastres socioambientais que forçam comunidades a serem removidas ou a conviverem diariamente com o risco, uma leitura a partir das ruínas em diálogo com debates sobre neoextrativismo permite avançar na discussão sobre como esses territórios são produzidos, e de que formas são mobilizados e utilizados pela população.

## Referências Bibliográficas

ACCIOLY, Paulo. A gente foi feliz aqui. Maceió, 20 de outubro de 2020. Instagram: @agentefoifelizaqui. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CF-PcsrJ6iM/>. Acesso em: 22/08/2022.

ACOSTA, Alberto, e BRAND, Ulrich. **Pós-extrativismo e decrescimento: Saídas do labirinto capitalista**. Editora Elefante, 2019.

ANGELO, Maurício. “Crime socioambiental transformado em lucro imobiliário: o caso da Braskem em Maceió”. **Observatório da Mineração**, 9 de agosto de 2021. <https://observatoriodamineracao.com.br/crime-socioambiental-transformado-em-lucro-imobiliario-o-caso-da-braskem-em-maceio/>.

ARCHAMBAULT, Julie Soleil. Concrete violence, indifference and future-making in Mozambique. **Critique of Anthropology**, v. 41, n. 1, p. 43–64, 2021.

BECK, Ulrich ([1986] 2010): **A sociedade do risco**. Ruma a uma outra modernidade, pp. 1-19. São Paulo: Ed. 34.

BISPO, Carlos de Oliveira, DE MELO, Nivaneide Alves, e TOUJAGUE,. Ocupação irregular de encostas urbanas no município de Maceió - AL. **OKARA: Geografia Em Debate**, 2019, p.216–29. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1982-3878.2019v13n1.39080>.

BRASIL. **Ministério de Minas e Energia. Serviço Geológico do Brasil (CPRM)**. Repositório Institucional de Geociências. Levantamento das feições de instabilidades dos terrenos no Bairro Pinheiro, Maceió, AL. Brasília. Set. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/33fNnro>. Acesso em: 04 set. 2020.

BRASKEM: moradores de bairro que afundou em Maceió cobram há 4 anos reparação de mineradora. **Brasil de Fato**, 22/03/2022. <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/22/braskem-moradores-de-bairro-que-afundou-em-maceio-cobram-ha-4-anos-reparacao-de-mineradora>.

CAVALCANTE, Joaldo. **Salgema: do erro a tragédia**. Maceió: Editora CESMAC, 2020. 136p.

CPRM. Estudos sobre a instabilidade do terreno nos bairros Pinheiro, Mutange e Bebedouro, Maceió (AL): Relatório síntese dos resultados nº 1. **Ministério de Minas e Energia**, Brasília, 2019.

DAOU, Ana Maria. “Notas comprometidas sobre a discussão dos efeitos sociais de grandes projetos hidrelétricos, antropologia e a atualidade da temática | **Revista de Antropologia da UFSCar**, 2021. <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/36>.

DAWDY, Shannon Lee. “Clockpunk Anthropology and the Ruins of Modernity”. **Current Anthropology** 51, nº 6 (2010): 761–93. <https://doi.org/10.1086/657626>.

DESASTRE da Braskem em Maceió foi a maior tragédia que o Brasil já evitou, conclui o CNJ. **Diário do Poder**, 29 de janeiro de 2021. <https://diariodopoder.com.br/justica/desastre-da-braskem-em-maceio-foi-a-maior-tragedia-que-o-brasil-ja-evitou-conclui-o-cnj>.

FERNANDES, Bruno. “Mapa de monitoramento de bairros completa 10 meses sem atualização | Alagoas - Notícias”. **Jornal Extra de Alagoas**. Acessado 25 de agosto de 2022. <https://novoextra.com.br/noticias/alagoas/2021/10/70680-mapa-de-monitoramento-de-bairros-completa-10-meses-sem-atualizacao>.

PREFEITURA de Maceió decreta situação de emergência nos bairros atingidos por rachaduras, 5 de dezembro de 2018. **Jornal Globo**, Alagoas. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2018/12/05/prefeitura-de-maceio-decreta-situacao-de-emergencia-nos-bairros-atingidos-por-rachaduras.ghtml>.

GAŃKO, Anna. Empty city spaces. Practices of unseen. **Journal of education, culture and society**, v. 10, n. 2, p. 245–251, 2019.

HOWE, Cymene; LOCKREM, Jessica; APPEL, Hannah; *et al.* Paradoxical Infrastructures: Ruins, Retrofit, and Risk. **Science, technology, & human values**, v. 41, n. 3, p. 547–565, 2016.

QUE fenômeno ameaça engolir o bairro do Pinheiro, em Maceió?, **Letras Ambientais**, 10 de março de 2019. Disponível em: <https://www.letrasambientais.org.br/posts/que-fenomeno-ameaca-engolir-o-bairro-do-pinheiro-em-maceio->.

LIMA, Maria. (Toxi)Cidade do Aço: Infraestrutura siderúrgica e contestação social em um caso de contaminação por resíduos industriais. **Revista AntHropológicas**. Ano 24, Volume 31(2), 2020.

LUSTOSA, Maria Cecília Junqueira. **O Pólo Cloroquímico de Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 1997. 64p.

MARTIN, Daryl. Introduction: Towards a Political Understanding of New Ruins. **International journal of urban and regional research**, v. 38, n. 3, p. 1037–1046, 2014.

MBEMBE, Achille. **Brutalisme**. Paris: La Découverte, 2020.

MBEMBE, Achille; ROITMAN, Janet. Figures of the Subject in Times of Crisis. **Public Culture**, 7:323–52, 1995.

MELO, Tainá Silva. “A localização dos pobres nas cidades brasileiras: um estudo sobre a situação dos assentamentos humanos às margens da lagoa Mundaú em Maceió, Alagoas.” Universidade Federal de Alagoas, 2010. <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/710>.

MILLINGTON, Nate. Post-Industrial Imaginaries: Nature, Representation and Ruin in Detroit, Michigan: Nature, representation and ruin in Detroit. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 37, n. 1, p. 279–296, 2013.

NASCIMENTO, Clay Ewerthon Alves do. “O discurso da educação ambiental em Alagoas: do ambientalismo radical ao cinismo empresarial”. Universidade Federal de Alagoas, 2015. <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/3297>.

NIXON, Rob. **Slow violence and the environmentalism of the poor**. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 2013.

NETO, Iris e SANTOS, Maria Francineila. “Riscos e vulnerabilidade socioambiental na ‘Grota da Cycosa’ - Maceió/AL. **Revista Da Casa Da Geografia de Sobral** 20, nº 3 (2018): 13–30. <https://doi.org/10.35701/rcgs.v20n3.370>.

O’DONNELL, Julia; SAMPAIO, Lilian Amaral de; CAVALCANTI, Mariana. Entre futuros e ruínas: Os caminhos da Barra Olímpica. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 13, n. 1, p. 119–146, 2020.

MAPA de Setorização de Danos Tem Versão Atualizada Após Estudos”. Acessado 23 de agosto de 2022. **Prefeitura de Maceió**, Alagoas. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/mapa-de-setorizacao-de-danos-tem-versao-atualizada-apos-e-estudos>.

GGI Dos Bairros Encaminha Parecer Sobre Ilhamento Socioeconômico Ao...”. **Prefeitura de Maceió**, 2021. Acessado 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/ggi-dos-bairros/ggi-dos-bairros-encaminha-parecer-sobre-ilhamento-socioeconomico-ao-mpf>.

PRONZATO, Carlos. **A Braskem passou por aqui: A catástrofe de Maceió**. Amestiza audiovisual, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zBOJbOGcBwo>.

PUSCA, Anca. “Industrial and Human Ruins of Postcommunist Europe”. **Space and Culture** 13, nº 3 (2010): 239–55. <https://doi.org/10.1177/1206331210365255>.

REYES HERRERA, Sonia E.; RODRÍGUEZ TORRENT, Juan Carlos; MEDINA HERNÁNDEZ, Patricio. El sufrimiento colectivo de una ciudad minera en declinación. El caso de Lota, Chile. **Horizontes antropológicos**, v. 20, n. 42, p. 237–264, 2014.

ROSSI, Marina. “O bairro com data para sumir do mapa em Maceió | Atualidade | EL PAÍS Brasil”, 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-14/o-bairro-fantasma-que-a-mineracao-deixou-para-tras-em-maceio.html>. Acesso em: 18/08/2022.

SANTOS, José. Sumário Mineral Brasileiro: Sal-gema. **Ministério de Minas e Energia**, 2008. Disponível em: [1nq.com/CHRYR](http://1nq.com/CHRYR). Acesso em: 18/08/2022.

SCHAFERS, Marlene. Ruined futures: managing instability in post-earthquake Van (Turkey). **Social anthropology**, Schäfers, M. (2016) Ruined futures: managing instability in post-earthquake Van (Turkey). *Social Anthropology*, 24: 228-242. doi: 10.1111/1469-8676.12274. v. 24, n. 2, p. 228–242, 2016.

SOUZA, Maria do Rosário Guimarães de. **Da paciência à resistência: Conflitos entre Atores sociais, Espaço Urbano e Espaço de Mineração**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

TEIXEIRA, A.F., NASCIMENTO, C.H., SILVA, C.D., LIMA, J.R., & FRAGOSO, M.L. (2020). A lógica do discurso ambientalista empresarial: da extração de sal-gema aos impactos no ambiente urbano. **Revista movimentos sociais e dinâmicas espaciais**, v. 9, n. 1.

TICIANELI, Edberto. “Descoberta de sal-gema em Alagoas foi por acaso”. **História de Alagoas** (blog), 22 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/descoberta-da-sal-gema-em-alagoas-foi-por-acaso.html>

PINHEIRO: Moradores que ficaram no bairro enfrentam vários problemas na região, 2021. TV Juçara, Alagoas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NA9c6tQNwK4>. Acesso em: 22/08/2022.

VELEDA, Raphael, ESTRELA, Igo. “Afundamento de Maceió Provoca Êxodo Urbano de 55 Mil Pessoas”. Metrôpoles, 23 de maio de 2021. <https://www.metropoles.com/materias-especiais/afundamento-de-maceio-provoca-exodo-urbano-de-55-mil-pessoas>.